



# “Dai vós mesmos a eles de comer”

“Give yourself to them to eat”

*Gilson Meurer\**

FACASC

Recebido em: 13/10/2022. Aceito em: 25/10/2022.

**Resumo:** *Nesse artigo analisa-se a primeira multiplicação dos pães conforme o Evangelho de Marcos (Mc 6,33-44) em uma abordagem sincrônica e através do método narrativo, com o intuito de destacar seus mais relevantes ensinamentos para a comunidade marcana e para nós hoje.*

**Palavras-chave:** *Pão. Multiplicação. Partilha.*

**Abstract:** *This article analyzes the first multiplication of the loaves according to the Gospel of Mark (Mk 6,33-44) in a synchronic approach and through the narrative method, in order to highlight its most relevant teachings for the Marcan community and for us today.*

**Keywords:** *Bread. Multiplication. Sharing.*

## Introdução

A paradigmática ordem de Jesus aos discípulos, “dai vós mesmos a eles de comer”, por ocasião da 1ª. Multiplicação dos pães, inspira a Campanha da Fraternidade da Igreja do Brasil em 2023 dedicada, mais uma vez, ao tema da fome. Considerando a realidade de milhares de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza, essa campanha deseja ser mais outra ação concreta da Igreja de misericórdia por esse povo, em obediência ao mandato de Jesus. Esse artigo, onde analiso a 1ª.

---

\* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, UNIGRE, Itália, 2016). Mestre em Exegese Bíblica (Pontificium Institutum Biblicum, PIB, Vaticano, 2009). Graduado em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina, FACASC, Florianópolis, SC, 2001). Graduado em Filosofia (Centro Universitário de Brusque, UNIFEBE, Brusque, SC, 1997). Professor na Faculdade Católica de Santa Catarina. E-mail: gilmeurer@gmail.com.





Multiplicação conforme o Evangelho de Marcos, deseja contribuir com essa Campanha fundamentando nossa ação nessa perene ordem de Jesus.

Em Marcos, a primeira multiplicação encontra-se situada em uma seção toda marcada pela temática do pão, e normalmente chamada “seção dos pães” (*sectio panis/panum*), pois reúne 18 ocorrências do termo “pão” (ἄρτος) do total de 21 do Evangelho.

Para alguns autores, a multiplicação de pães e peixes está entre “as mais impressionantes manifestações públicas de Jesus”<sup>1</sup> e, pelo fato de ser relatada seis vezes (Mc apresenta 2 Multiplicações: a 1a. para 5000 pessoas, em 6,33-44; e a 2a. para 4000 em 8,1-9; igualmente Mt 14,31-21.15,32-39; Lucas e João apresentam apenas a 1a. Multiplicação: Lc 9,10-17; Jo 6,1-13), está entre os eventos mais vezes narrados nos evangelhos. A ênfase indica seguramente quanto esse evento é importante para os evangelistas e para a comunidade cristã.

A razão do apreço pelas multiplicações é a sua alta carga simbólica, religiosa e social. A alimentação de uma multidão faminta ressoa como o sinal messiânico semelhante ao dom do maná, no qual Deus fez “orvalhar” o alimento que saciou o povo durante sua travessia no deserto (Ex 16; Nm 11). De fato, esperava-se que o Messias seria como um “novo Moisés” a repetir tal gesto nos tempos messiânicos. Para um leitor cristão, ademais, que se reúne no primeiro dia da semana para partilhar o pão, também relaciona esse motivo ao ritual da Eucaristia, ao corpo de Jesus doado como pão na última ceia em memória da sua paixão, morte e ressurreição (Mc 14,22).

Em nível social, a multiplicação dos pães sempre suscitou um forte apelo ético direcionado à justiça distributiva, ao direito ao alimento como garantia de vida. Jesus, multiplicando os pães e saciando uma multidão, revela a preocupação de Deus pelo bem fundamental de cada ser-humano, sinal de um Reino feito de atenção aos pobres, de partilha e saciedade de bens para todos.

A carga simbólica desta seção se revela na universal “cultura da mesa”, e representa uma estrutura profunda do ser-humano. A mesa, o alimentar-se juntos, possui uma especial significação de comunhão, de encontro, de troca, de construção de relações com outros e consigo

<sup>1</sup> Cf. MINETTE DE TILLESSE, G. *Le secret messianique dans l'Évangile de Marc*. Paris: Du Cerf, 1968. p. 241.



mesmo. Por isso, as perícopes bíblicas de alimento são sempre tocantes para qualquer leitor, de qualquer época.

## 1 Delimitação e estrutura da perícope

Não é simples delimitar essa perícope, mas tomaremos por início o desembarque de Jesus e dos discípulos no lugar deserto (6,33-34) e, por término, o reembarque dos discípulos após a refeição (6,45-46).

Aplicando o método narrativo, subdividiremos a perícope em cenas, destacando a progressão da trama. Esta unidade narrativa se divide em quatro cenas:

*A primeira cena (6,33-34)* narra a *situação inicial* ao introduzir as informações do cenário (lugar deserto) e dos personagens (a afluência da multidão).

*A segunda cena (6,35-38)* evidencia a *complicação*, porque os discípulos aparecem para indicar o problema do horário e do lugar e propor a dispensa da multidão para que se alimente.

*A terceira cena (6,39-41)* descreve a *ação transformadora*, pois Jesus resolve o problema da alimentação com a organização da multidão e a subsequente partilha e distribuição de pães e peixes.

*A quarta cena (6,42-44)* conclui narrando a *situação final*, isto é, toda a multidão saciada e ainda o recolhimento de doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixes.

Vamos analisar cada cena e perceber o desenvolvimento dessa narração.

## 2 Análise da progressão narrativa

No retorno dos apóstolos da missão (6,30-32), Jesus os convida a repousar em um “lugar deserto” (ζρημων τόπον, 6,31.32.35c). O narrador não indica precisamente onde tal lugar se situa. Trata-se de um lugar nas imediações do mar da Galileia, circundado de “campos e vilas” e não longe de “cidades” (6,33).<sup>2</sup> Essa descrição induz a pensar que não

<sup>2</sup> Tanto ἀγρός quanto κώμη são lugares habitáveis que se distinguem da cidade. Esses estão em referência com o trabalho do campo (sentido mais claro de ἀγρός, porém



se trata do “deserto”, lugar desabitado e desolado, mas apenas de um lugar mais retirado.

A referência ao “deserto” como *locus theologicus* relacionado ao Êxodo, é especialmente empregado na introdução do evangelho (1,1-14): no “deserto” anuncia o profeta João Batista (1,3) e onde ele batiza (1,4); “no deserto” Jesus vaga por 40 dias sofrendo a tentação de satanás, na presença de animais selvagens e servido pelos anjos (1,13). Os primeiros versículos do livro, pois, ambientam-se no “deserto” com os motivos da “profecia”, da “água” (batismo), da “tentação”, do número “quarenta”, que são elementos mais explícitos para um leitor competente associar com a experiência do êxodo.<sup>3</sup> Já a expressão “lugar deserto” é tratada em Mc como o espaço de solidão para a oração de Jesus (1,35), para refúgio da fama que o impedia de entrar nas cidades (1,45), para repouso com os seus discípulos (6,31.32), mas também espaço de encontro com muitos que o procuravam (1,45d; 6,35).

## 2.1 Situação inicial: o povo procura Jesus (6,33-34)

A primeira cena descreve o cenário e os participantes da multiplicação dos pães. Tudo inicia com a multidão que vê a barca e seu empenho de antecipar-se a Jesus (6,33).

As ações da multidão são gradualmente concatenadas: da visão ao reconhecimento, do reconhecimento à corrida, da corrida à antecipação, marcando um *crescendo* no processo de reconhecimento e decisão de encontrar Jesus. Esse versículo não somente demonstra a grande popularidade do mestre de Nazaré,<sup>4</sup> mas também prepara o leitor para entender em que situação essa gente é apresentada: cansada e ofegante.

As ações da multidão são “ver e reconhecer”. “Ver e reconhecer” são ações paradigmáticas na seção dos pães, que se encerra justamente com a cura de um cego (8,22-26). Embora se trate de apenas um “reconhecimento limitado”, pois a multidão concebia Jesus como “Elias, um profeta ou um dos profetas” capaz de ações prodigiosas (cf. 6,14-15), a

também de κώμη (“the common sleeping-place to which laborers in the fields return”), cf. GRIMM, C. L. V., «κώμη», THAYER, § 3034.

<sup>3</sup> O motivo do deserto não perpassa somente estas perícopes, mas tem relevantes incidências em Mc, nos outros sinóticos e na literatura religiosa, cf. MAUSER, U. W. *Christ in the Wilderness*. London: SCM, 1963. p. 159.

<sup>4</sup> Cf. JUEL, D. H. *Mark*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1990. p. 96.



multidão que “vê e reconhece” Jesus na barca contrasta com os discípulos que, no episódio seguinte, da barca, “não reconhecem” Jesus quando o “veem” caminhando sobre as águas (6,49).

Essa multidão “corre junto” (συντρέχω). Esse verbo grego não indica um bloco de gente correndo ordenadamente (juntas), mas pelo fato de virem de lugares diferentes (“de todas as cidades”), elas correm “ao mesmo tempo” assim que reconhecem Jesus. Ainda não é um «povo sinodal», que caminha junto. Ela corre “a pé” (πεζή), o que indica uma condição social, pois não vem em cavalos ou montarias.

Essa gente vem de todas as cidades (ἀπὸ πασῶν τῶν πόλεων). Marcos põe ênfase no “todas”, a fim de enfatizar esse poder atrativo de Jesus. O “todos” não é uma mera hipérbole para caracterizar um exagerado populismo, mas um aceno ao “universalismo” de Jesus que vem para todos. O motivo da multidão que procura Jesus intensamente: “Todos te procuram”, diz Simão Pedro (1,37); “toda a cidade se juntou à porta” (1,33), “de todas as partes iam até ele” (1,45), afirma o narrador, caracteriza a força atrativa que tinha Jesus sobre a multidão.<sup>5</sup> Considerando que poucas linhas antes Jesus fora rejeitado em sua pátria (6,1-6a), essa busca por Jesus caracteriza positivamente a multidão em contraponto aos seus conterrâneos e às autoridades que duvidaram dele.<sup>6</sup>

Em seguida, o narrador descreve minuciosamente os gestos e sentimentos de Jesus: “desembarcar”, “ver uma multidão”, “sentir compaixão” e “começar a ensinar” (v. 6,34).

O narrador mostra a reação de Jesus: o termo grego literalmente significa “movido em suas entranhas” (σπλαγγνίζομαι), e exprime um forte sentimento, quase maternal, de consideração por aquela gente, sobretudo de amor e piedade.

A “compaixão” (רַחֲמִים) é no Antigo Testamento uma qualidade de Deus (Is 54,7-8; Sl 86,15; 111,4; 112,4; 145,8). Essa característica divina é manifestação especial de uma relação paternal/maternal com o

<sup>5</sup> Dos 16 sumários marcanos, em 10 está presente o motivo da multidão que procura Jesus: 1,32-34. 45; 2,1-2.13; 3,7-12; 4,1-2; 5,21; 6,31-33.54-56; 10,1.

<sup>6</sup> KINGSBURY, J. D. *Conflict in Mark. Jesus, Authorities, Disciples*. Minneapolis: Fortress Press, 1989. p. 24; cf. tb. RHOADS, D. M.; DEWEY, J.; MICHIE, D. *Marcos como relato*. Introducción a la narrativa de un Evangelio. In: *Biblioteca de Estudios Bíblicos*, 104. Salamanca: Sígueme, 2002. p. 185; STANDAERT, B. H. *L'Évangile selon Marc. Commentaire (Deuxième partie Marc 6, 14 à 10, 52)*. II. Pendé: Gabalda et Cie, 2010. p. 501.



seu povo e com os marginalizados: “a misericórdia é um dos modos de ser de Deus que se volta na sua imensa riqueza de graças aos homens”.<sup>7</sup>

Marcos apresenta esse sentimento de Jesus quase exclusivamente nas duas multiplicações de pães e peixes (Cf. 8,2). Para Marcos, a fome da multidão e sua condição de abandono (como “ovelhas sem pastor”, cf. 6,34) e de falta de meios (“muitos vêm de longe”, cf. 8,3) são situações que suscitam a misericórdia de Jesus. Além de sentimento, trata-se sobretudo de uma atitude messiânica, enquanto expressão do rosto misericordioso de Deus.<sup>8</sup>

O narrador intervém para revelar que Jesus se compadece das “ovelhas sem pastor”. Essa situação é antiga, pois os profetas da Escritura Hebraica já usavam essa expressão para denunciar os abusos das autoridades (Ez 34,5; 1Re 22,17 / 2Cr 18,16). Essa nota do narrador, então, descreve uma multidão em situação crítica não porque fez um corrida atabalhoada, mas porque vive uma condição perene de abandono por parte de suas autoridades. No contexto próximo, essa nota faz alusão direta ao rei Herodes que, ao invés de se ocupar de seu povo, banqueteia-se com seus maiores (6,14-29). Ao descrever a situação do povo e a irresponsabilidade das autoridades, essa nota caracteriza Jesus como o verdadeiro pastor que acolhe com misericórdia o povo. Não parece casual que Marcos relate, logo após o “banquete de morte” de Herodes, que termina com a decapitação de João Batista, o “banquete de vida” de Jesus cujo resultado é a vida preservada da fome.

O primeiro gesto de Jesus a essa multidão abandonada é ensinar (καὶ ἤρξατο διδάσκειν). O verbo “ensinar” (διδάσκειν) é empregado 17x em Marcos e 15x caracteriza o ensino de Jesus. A multidão recebe frequentemente o ensinamento de Jesus (2,2.13; 3,32; 4,1; 6,34; 7,1; 8,34; 10,1), a ponto de o narrador afirmar que ele, “como de costume” (ὡς εἰώθει), ensinava a multidão (καὶ ὡς εἰώθει πάλιν ἐδίδασκεν αὐτούς, 10,1). O ensinamento é a única ação caracterizada com a expressão “como de costume” em todo o evangelho de Marcos, mostrando a sua frequência e importância no ministério de Jesus. Como Marcos raramente apresenta o “conteúdo” do ensino (Cf. 1,21.22; 2,13; 6,34; 10,1), o leitor

<sup>7</sup> Cf. Ex 20,6; 34,6; Dt 4,31; 5,10; 7,9; Sl 23,6; 25,6; 103,4.8; 145,8; Re 3,22; Os 2,21; Jl 2,13; Mi 7,18 // Lc 1,50.54.58.78; Rm 15,9; 2Cor 1,3; Ef 2,4; Hb 4,16; 1Pt 1,3, ECKEY, W. *Das Markusevangelium. Orientierung am Weg Jesu. Ein Kommentar.* Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1998. p. 189.

<sup>8</sup> KÖSTER, H., «σπλάγγνον», *Theological Dictionary of the NT*, II, 548-559.



“preenche” a lacuna suspeitando que Jesus ensinasse que o “Reino de Deus está próximo” (cf. 1,14) ou suas “parábolas” (cf. as do capítulo 4). A ausência também serve para pôr acento na ação mesma e no seu ministrante. Nessa cena temos um importante ensinamento de Marcos: a superação da pobreza e do abandono do povo passa também pelo “ensino de Jesus” (a ambiguidade da expressão é intencional!).

## 2.2 Complicação: o povo precisa se alimentar (6,35-38)

Os discípulos entram em cena para interromper o ensino de Jesus e aconselhá-lo a despedir a multidão a fim de que possa alimentar-se. Depois que as “horas avançaram”, era necessário pensar na sua alimentação.

Se a multidão interrompeu os planos iniciais de Jesus, dessa vez são os discípulos que interrompem a sua ação. Essa não é a primeira vez que eles fazem isso, pois “Simão e seus companheiros” interromperam a oração de Jesus para dizer-lhe que todos o procuravam (1,36). E nem será a última, já que Pedro tentará interromper o plano de Jesus de subir a Jerusalém (8,32). Os discípulos (Pedro em modo particular), quando interrompem Jesus, pensam fazer um bem, um favor, mas a proposta sempre contrasta com os planos do mestre. Assim se revela o quanto eles ainda “pensam as coisas dos homens e não as de Deus” (Cf. 8,33).

A proposta dos discípulos de despedir a multidão é seguida da finalidade: “a fim de que vão às localidades em redor e comprem para si mesmos o que comer”.<sup>9</sup> Essa proposta, porém, contrasta com a descrição da multidão que corre de todas as cidades justamente porque é uma multidão abandonada, como ovelhas sem pastor (6,33-34). Se as multidões vieram porque se sentem abandonadas, enviá-las de volta aos seus maus-pastores ou simplesmente deixá-las que “se arranjem por si mesmos” é repetir o mesmo descaso.<sup>10</sup>

Apesar de muitos autores considerarem reprovável a atitude dos discípulos de despedir a multidão, ela é compreensível no contexto: o que mais se poderia fazer, se efetivamente não se tem alimento? Do mesmo modo, quando Pedro tenta impedir Jesus de subir a Jerusalém (8,32),

<sup>9</sup> Comprem “eles mesmos” (dativo objetivo) ou “para si mesmos” (dativo instrumental). Em qualquer um dos casos os discípulos entendem que a multidão se encarregue ela mesma de encontrar algo para comer, passando para ela o problema.

<sup>10</sup> KLINGHARDT, M. *Boot und Brot. Zur Komposition von Mk 3,7–8,21. In: Berliner Theologische Zeitschrift*, 19, 2002. p. 193.



não faz por maldade, antes, pelo contrário, Pedro acredita estar fazendo um bem a Jesus. Tanto aqui quanto no episódio de Pedro, a proposta dos discípulos revela, contudo, que eles ainda são ignorantes em relação ao projeto de Jesus em relação à multidão, bem como do seu messianismo e de sua identidade. Tanto os discípulos aqui, quanto Pedro mais tarde, ainda pensam as coisas dos homens e não as coisas de Deus (8,32-33). Será preciso que Jesus realize uma *metanóia* na cabeça dos discípulos.

Jesus, com efeito, não aceita essa proposta e rebate: “dai vós mesmos a eles de comer”, uma ordem expressa pela posição enfática do imperativo “dai” (δότε). A injunção redundante do pronome “vós” (ὁμεῖς) confere ainda mais ênfase,<sup>11</sup> deixando claro que Jesus deseja o comprometimento dos discípulos. O ato locutório é eloquente pela sua brevidade (4 palavras, uma *laconica brevitatis*). Com a ênfase do pronome “vós mesmos”, a sentença ecoa como um chamado à responsabilidade dos discípulos em favor da multidão e, sobretudo, adotar o olhar misericordioso de Jesus (Cf. 6,34). Daquele momento em diante, sempre que uma multidão faminta se apresentar, dar-lhe de comer deve estar no pensamento dos discípulos.

Mas os discípulos acreditam que eles devam comprar 200 denários de pão. Essa cifra acentua a gravidade do problema, pois 200 denários é muito dinheiro.<sup>12</sup> Esse valor corresponde a 200 dias de trabalho de um trabalhador agrícola (cf. Mt 20,10; Lc 10,35).<sup>13</sup> Um pão custava 1/12 de denário (*Mishna Pea* VIII,7). Com 200 denários, portanto, podia-se adquirir 2400 pães, correspondente a uma ração diária, ou 4800 meia-

<sup>11</sup> ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1996. p. 124.

<sup>12</sup> Fowler entende que os discípulos possuíam 200 denários consigo, desobedecendo à ordem de não levar “pão, dinheiro, sacola” (6,8), e que não queriam era “gastar dinheiro” com a multidão, FOWLER, R. M. *Loaves and Fishes. The Function of the Feeding Stories in the Gospel of Mark*. In: *Society of Biblical Literature. Dissertation Series*, 54. Chicago: Scholars Pr, 1981. p. 117. Porém, a ideia de que os discípulos tinham consigo meio ano de salário é estranha à narrativa de Marcos, cf. MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos*. Salamanca: Sígueme, 2010. p. 473. Cf. tb. FOCANT, C. La fonction narrative des doublets dans la section des pains Mc 6,6b-8,26, In: FOCANT, C. (ed.). *Marc, un Évangile étonnant: Recueil d'essais*. In: *Bibliotheca Ephemeridum Theologiarum Lovaniensium* 194, Leuven: University Press, 2005. p. 216. De fato, os discípulos são normalmente caracterizados como pobres (cf. 10,28)

<sup>13</sup> “Denário” é um termo latino que corresponde a uma moeda de prata (cerca 3,898 gr) que corresponde a 1/10 (por isso o nome) de um Asse, cf. GRIMM, C. L. V., «δηνάριον», THAYER, § 1283.





-rações, isto é, o necessário para uma refeição com 5000 pessoas.<sup>14</sup> O pão (ἄρτος) era um cozido de farinha e água, em formato redondo como um prato, de espessura de um polegar. O cálculo dos discípulos é condizente com a quantidade de pessoas presentes.<sup>15</sup>

Diante do espanto dos discípulos, Jesus pergunta pela quantidade de pães que eles possuem. Ao invés de “comprar” Jesus sugere “conhecer” o que já possuem.

Os discípulos cumprem a ordem de verificar a quantidade de pães e, “sabendo” (γινόντες), afirmam possuir “cinco [pães] e dois peixes”. Diante da proposta de comprar, Jesus fez o discípulos perceberem que “já possuíam algo”... mesmo se pouco, esse primeiro passo era significativo fazer.

O pão e o peixe eram o alimento mais consumido pelo povo (cf. Mt 7,9-10), sobretudo nas regiões em torno do lago de Genesaré.<sup>16</sup> O menu popular, com efeito, consistia de: pão de cevada, olivas, frutas, gafanhotos cozidos ao sal, peixe (geralmente secado e salgado para conservação).<sup>17</sup>

Os números chamam bastante atenção nessa perícopé. A função deles são muitas: auxiliam a memorizar, a contabilizar, a comparar, e podem simbolizar outras realidades. Com efeito, os números dessa perícopé são conservados por todos os evangelistas (os 5 pães, os 2 peixes, as 5000 pessoas, os 12 cestos).

Em uma primeira camada, uma leitura mais literal, a função dos números cinco e dois, nesse contexto, é representar a escassez: somente 5 pães e 2 peixes não bastam para alimentar a multidão. Em outra camada, uma leitura mais alegórica, a componente simbólica desses números é expressiva: na tradição bíblica evoca especialmente os 5 livros de Moisés. Beda, por exemplo, menciona os 5 pães como um sinal da Lei de Moisés

<sup>14</sup> Cf. NEUGEBAUER, F. *Die wunderbare Speisung (Mk 6,30-44 Par.) und Jesu Identität. In: Kerygma und Dogma*, 32/4, 1986, p. 258.

<sup>15</sup> Os discípulos fizeram um cálculo correto, cf. JEREMIAS, J. *Gerusalemme al tempo di Gesù. Ricerche di storia economica e sociale per il periodo neotestamentario*. Bologna: EDB, 1989. p. 123.

<sup>16</sup> MARCUS, 2010, p. 487. “Pain et poisson, tel était le menu le plus commun”, DANIEL-ROPS, H. *La vie quotidienne en Palestine au temps de Jésus*. Paris: Hachette, 1979. p. 246.

<sup>17</sup> “Cela dut être, bien souvent, la nourriture de Jésus”, DANIEL-ROPS, 1979, p. 256; SEETHALER, A. *Die Brotvermehrung: Ein Kirchenspiegel!? In: Biblische Zeitschrift*, 34, 1990, p. 109.



e os 2 peixes como sinal dos profetas e salmos.<sup>18</sup> Interessante associar o pão à Lei nesse contexto, pois a perícopes começou com Jesus “ensinando” (6,34). Em diversos textos antigo-testamentários e rabínicos, a Lei é apresentada como um alimento que Deus oferece.<sup>19</sup> A leitura alegórica também atribui ao peixe uma imagem messiânica, pois em alguns textos apocalípticos, um grande peixe, o Leviatã, seria oferecido aos eleitos de Deus (Cf. Targum Sl 23).<sup>20</sup>

A frequente utilização do número 2 por Mc: dois são os discípulos em 6,7; 11,1; 14,13; 16,12; duas túnicas (6,9); moedas (12,42); as partes do véu do templo (15,38); duas pessoas: homem e mulher (10,8); dois malfetores (15,27); parecem indicar diferente ideias em cada contexto.

O problema, porém, da leitura alegórica é multiplicar as inúmeras hipóteses com associações arbitrarias. Por isso, devem ser associados com cautela. Mas não se pode negar que, nesse caso, os números provocam no leitor uma interpretação messiânica, relacionando esse evento com o Antigo Testamento, de onde ecoam os números cinco e dois.

Em síntese, esta cena conduz o leitor através do diálogo entre Jesus e os discípulos. De fato, o “bate-rebate” de perguntas e respostas, propostas e contrapropostas, envolve o leitor nessa conversa que ele acompanha de perto. Resolver o problema da fome do povo não é questão simples e se debate por longo tempo, talvez até demais. Até parece que os discípulos querem se escusar desse compromisso. Jesus direciona as ações porque era preciso agir. A decisão de Jesus contrasta com a incompreensão, a misericórdia com a indiferença; o narrador exprime, assim, que atitudes a comunidade marcana deveria assumir.

<sup>18</sup> Os dois peixes são arbitrariamente associados ao binômio profetas-salmos, ou profetas-escritos, cf. SEETHALER, 1990, p. 111.

<sup>19</sup> Sb 16,20-21: Deus, que dá a sabedoria, é o mesmo que deu o maná ao povo no deserto; Sir 24,19-21: “Vinde a mim vós que me deseiais, e vos saciareis com os meus frutos”; Jr 15,16: “quando se me apresentavam as tuas palavras, eu as devorava”; Dt 8,3: “O Senhor te alimentou com maná para ensinar que não só de pão vive o homem, mas da palavra que sai da boca de Deus viverá o homem”. Os motivos maná / compreensão integrados encontram-se na Didaqué 10,2; Philon, cf. BORGES, P. J. *Bread from Heaven. An Exegetical Study of the Concept of Manna in the Gospel of John and the Writings of Philo*. Leiden: Brill, 1965, p. 99-146; MARCUS, 2010, p. 474. E na tradição rabínica: Gen. Rab. 436; 54,1; 70,5, cf. STRACK, H. L.; BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch. I. Das Evangelium nach Matthäus, 1922. II. Das Evangelium nach Markus, Lukas und Johannes und die Apostelgeschichte*. München: Beck, 1924. p. 433ss.

<sup>20</sup> VAN CANGH, J.-M. *Le thème des poissons dans les récits évangéliques de la multiplication des pains*. In: *Revue Biblique*, 78/1. Paris: 1971, p. 79, nota 21.



### 2.3 Ação transformadora: organização da multidão e partilha (6,39-41)

A resolução do problema inicia com a preparação da multidão (vv. 39-40).

Somente Marcos, dentre os sinóticos, ocupa-se em descrever a organização da multidão tão pormenorizadamente, descrevendo tanto a ordem quanto a sua execução. Se a condição de “ovelhas sem pastor” representava um povo sem um guia e sem organização, observa-se que Jesus, além do ensino, vem para re-organizar o seu povo.

Jesus se configura como um pastor autêntico, que com autoridade guia seu povo e orienta os discípulos. Assim como “dar de comer”, “organizar a multidão” está entre as ações requeridas por Jesus aos seus discípulos.

“Fazer sentar-se” é expresso pelo verbo “pousar sobre, assentar” (ἀνακλίιναι).<sup>21</sup> O mesmo verbo, na voz passiva (ἀνακλίνομαι) tem o sentido de “reclinar-se” (como os romanos faziam no *triclinium*) para uma refeição.<sup>22</sup> A preparação da multidão indica uma refeição importante, pois as pessoas se acomodam tranquilamente para participar de um banquete. O termo “reunião” (συνπόσιον, literalmente: “beber junto”) designa uma reunião festiva e, por metonímia, a própria festa e os convidados (Cf. Plutarco, *Mor.* 157a.; Platão, *O banquete*).<sup>23</sup> Trata-se de um hapax do NT e com poucas ocorrências no AT.<sup>24</sup> O uso desse termo, além de toda a organização, indicam um grupo familiar que se prepara para um encontro festivo e solene.<sup>25</sup>

Essa ideia de ordem se reforça com a disposição em grupos de 100 e 50 correspondente à forma antiga de organização israelita. Moisés organizou o povo no deserto em grupos de 100, 50 e 10 pessoas (Ex

<sup>21</sup> “Aux temps anciens l’habitude était de manger assis, soit sur des sièges, soit à terre, jambes croisées”, DANIEL-ROPS, 1979, p. 254.

<sup>22</sup> Marcos usa na última ceia o termo mais comum para exprimir o “reclinar-se à mesa”: *avna,keimai* (14,18). Também ἀναπίπτω (Cf. 6,40 e 8,6) evoca o sentido de estar à mesa, cf. GRIMM, C. L. V., «ἀναπίπτω», THAYER, § 400.

<sup>23</sup> GRIMM, C.L.V., «συνπόσιον», THAYER, § 5022.

<sup>24</sup> No AT o termo significa sempre “banquete”, cf. Est 4,17; 7,7; 1Mc 16,16; 2Mc 2,27; Sir. 31,31; 32,5; Sir. 49,1. No Sirácida o termo é sempre “ἐν συμπόσιῳ οἴνου” (“em banquete de vinho”).

<sup>25</sup> FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark. A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 264.



18,21.25; Dt 1,15; Nm 31,14). A primeira função comunicativa dessa divisão em grupos de 100 e 50 é exprimir a familiaridade dos comensais. Nos “pequenos grupos” era possível o intercâmbio, o diálogo, o ver-se face a face, algo que não se experimenta em uma massa uniforme de uma multidão. De fato, Jesus transforma a massa uniforme, sem identidade (ὄχλος), em grupos familiares de 100 e de 50 pessoas. Um leitor que fosse membro de uma comunidade próxima dessa cifra (uma comunidade cristã de algumas famílias chegaria fácil a 50 pessoas), essa disposição em pequenos grupos possui seguramente impacto comunicativo. Mas também indica um meio para cuidar melhor das pessoas: não uma multidão, mas grupos.

O narrador faz questão de relatar que o povo sentou-se sobre a “relva verde”. Na Palestina, a única estação para encontrar relva verde nos lugares desérticos era a primavera. Por isso, essa expressão poderia ser uma sutil referência à Páscoa e ao Êxodo, evento e festa primaveris.<sup>26</sup> Mas a Galileia não precisava esperar pela primavera para ter relva verde, pois ali essa germinava o ano inteiro, enquanto era uma terra bem irrigada pelo Jordão e pelo Lago da Galileia. *Flávio Josefo* testemunha que a “Galileia é como um jardim”.<sup>27</sup> Essa expressão reforça, nesse contexto, o motivo do Pastor. Com efeito, o “Salmo do Pastor” (SI 23) apresenta a imagem idílica do “lugar verdejante” (τόπον χλόης) no qual o pastor “se estabelece” (literalmente: “assenta a tenda”) e conduz às águas “repousantes” (ἀναπαύσεως, cf. Mc 6,31) (SI 23,2). A imagem idílica, transmitida por essa nota, evoca ainda a esperança dos tempos messiânicos, onde a própria natureza se renova (Is 22,15; 35,1; 41,19; 43,20). Ao leitor competente, essa organização da multidão evoca a realização da expectativa de renovação da vida nos tempos messiânicos, nos quais o povo esperava encontrar espaço de convívio fraterno.

Depois de organizar a multidão em grupos, o narrador descreve o “rito” de preparação do pão e do peixe (tomar, olhar aos céus, bendizer), seguido da divisão do pão, entrega aos discípulos, divisão dos peixes (6,41).

<sup>26</sup> ERLANGEN, G. F. *Die beiden Erzählungen von der Speisung in Mark 6:31-44, 8:1-9. In: Theologische Zeitschrift*, 1/20, p. 10-22, 1964.

<sup>27</sup> Josefo, *Bell.* III.42, cf. REICKE, B. I. *Neutestamentliche Zeitgeschichte*. Berlin: Walter de Gruyter, 1968. p. 117.



Jesus “levanta os olhos aos céus” a fim de iniciar sua oração agradecendo pelos alimentos.<sup>28</sup> É a atitude do orante: “porque alegremente levantarás teus olhos ao Senhor, farás tuas orações e ele te ouvirá” (Jó 22,26-27). Esse gesto revela confiança em Deus, tal como Suzana, que alça os olhos aos céus no tribunal esperando pela justiça divina (Dn 13,35). Tal gesto não era previsto no rito de banquete, mas Jesus faz questão de fazê-lo para indicar de onde vem a sua força no sinal que ele está para realizar.

Jesus exprime o bendizer (εὐ-λογέω) a Deus pelos dons que se recebe (At 27,35; 1Cor 10,30; Rm 14,6). Essa ação é realizada pelo pai de família antes das refeições judaicas festivas (*Ber* 3, 6, 7, 8).<sup>29</sup> O gesto de dizer a bênção pelo alimento era necessário a qualquer refeição judaica: “sem oração a refeição é maldita”.<sup>30</sup> Moisés alerta os israelitas de dizer a bênção a fim de recordarem-se sempre do Senhor, que libertou do Egito, e concedeu o alimento e a moradia, não caindo no erro de pensar que tudo seja fruto das próprias forças (Dt 8,11-17).

Competia ao anfitrião partir o pão e oferecer aos convidados, mostrando sua cordialidade e interesse por eles.<sup>31</sup> Os discípulos recebem de Jesus os pães já partidos e os levam à multidão (παρατίθημι, literalmente “pôr diante”, “apresentar”: nesse contexto de alimentação, o verbo pode ser traduzido por “servir”, pois indica serviço, hospitalidade; cf. Gn 18,8; 24,33; 2Sm 12,20; Lc 11,6; At 16,34). O subjuntivo presente indica uma ação contínua e ressoa nos ouvidos do leitor como um compromisso permanente para os discípulos: o pão que se recebe de Jesus não é para se reter, mas para distribuir. Com isso, Jesus faz os os discípulos cumprirem a ordem que Ele mesmo lhes deu: “dai vós mesmos a eles de comer” (6,37), mas que, sozinhos, eles não acreditavam poder fazer.

<sup>28</sup> Cf. DELORME, J. *El evangelio según san Marcos*. Estella: Verbo Divino, 1985. p. 68. Jesus se comporta como presidente da refeição: recita a bênção e olha para o céu. A Mishna não via esse gesto como regra até o II séc d.C. Mas no tempo de Jesus não era incomum (Cf. Lc 18,13). No AT, cf. Sl 121,1, cf. NEUGEBAUER, 1986, p. 260.

<sup>29</sup> Cf. FINKELSTEIN, L. *The Birkat ha-mazon*. In: *Jewish Quarterly Review*, 1929, p. 211.

<sup>30</sup> DANIEL-ROPS, 1979, p. 254. “Berakh 35a: é proibido ao homem saborear qualquer coisa desse mundo sem bendizer”, STRACK – BILLERBECK, I, 1922, p. 685. Após a refeição se previa outra bênção. A bênção era tão importante que, se alguém esquecia, devia retornar ao lugar da refeição e fazer as orações (Cf. Schammai) ou orar no lugar em que se encontra (Cf. Hillel)... (Ber 8,7), cf. STRACK – BILLERBECK, I, 1922, p. 687.

<sup>31</sup> DANIEL-ROPS, 1979, p. 255. Competia ao pai de família partir o pão e dar aos convidados, cf. STRACK – BILLERBECK, I, 1922, p. 687.



## 2.4 Situação final (6,42-44)

O foco retorna sobre a multidão. Esta cena é composta de 3 verbos: *comeram*, *saciaram-se* e *recolheram*, e uma nota do narrador informando a quantidade de comensais.

São os discípulos os sujeitos que recolhem os restos. O número doze de cestos sugere a imagem de cada um dos apóstolos recolhendo um cesto.

A nota final indica o número de pessoas alimentadas: cinco mil homens. Essa nota, posicionada como última frase da perícope, auxilia a valorizar a grandeza e abundância do milagre, ainda mais reforçada com a indicação de que eram somente “homens”.<sup>32</sup> Alguns autores consideram que se trata de um exagero, visto que as cidades em torno do mar não possuíam tanta gente, quase insinuando que o verdadeiro milagre foi reunir 5000 pessoas.<sup>33</sup> Evidente que tal quantidade caracteriza a grande força atrativa de Jesus, bem como colora de tons messiânicos o sinal do banquete e, não menos importante, torna grave a tarefa dos discípulos.

O número 5000 está também em relação direta com o número 5 dos pães que foram apresentados pelos discípulos, valorizando o sinal da multiplicação de Jesus (proporção 1 pão para cada 1000) em relação ao de Eliseu (1/20).<sup>34</sup> Esse número está também relacionado com a organização da multidão, feita em grupos de 50 e 100 (6,40). Por isso,

<sup>32</sup> Aparentemente, a ênfase no termo “homens” e não “pessoas” parece ser devida à citação de 2Re 4,38 que também cita “homens”. Mateus cita ainda mulheres e crianças (Cf. Mt 14,21), o que dá mais ênfase à quantidade (quase 20.000?), cf. AUS, R.D. *Feeding the Five Thousand. Studies in the Judaic Background of Mark 6:30-44 par. and John 6:1-15. In: Studies in Judaism*, Lanham: University Press of America, 2010. p. 115. Pode estar relacionado também a uma tradição rabínica em que a oração de ação de graças dependia do número de comensais, contando apenas os homens, e não as mulheres, crianças, pagãos e escravos (Cf. m. Ber 7.1-2).

<sup>33</sup> Não existe uniformidade nas estatísticas da densidade populacional da Galileia na primeira metade do primeiro século. Alguns autores pensam que se trata de um exagero, porque as maiores cidades em torno do lago não possuíam muitos habitantes, cf. NEUGEBAUER, 1986, p. 268. Outros, porém, admitem a possibilidade e contabilizam que somente em Cafarnaum se encontrava uma população de 10.000 habitantes, cf. FRANCE, 2002, p. 268 nota 62. Flávio Josefo afirma que na Galileia do tempo romano contavam-se 204 cidades e vilas, e que algumas cidades eram populosas e podiam contar com cerca de 15.000 habitantes (Josefo, *Bell.* III,3,2). Assim, não seria exagero a reunião de 5000 homens.

<sup>34</sup> A discussão rabínica posterior vai tentar “incrementar” o sinal de Eliseu (2Re 4,42-44), afirmando que não foi 20 pães para 100 homens (proporção de 1/5), mas que cada



o número 5 e 5000 não deseja apenas definir quantidades, mas reforçar o sentido simbólico.<sup>35</sup>

A semântica também evoca o sentido de plenitude na expressão: “todos comeram e se saciaram”. Sem exceções, sem exclusões e sem carência. Um povo saciado é imagem do cumprimento das promessas do Antigo Testamento no qual a fome seria extinta nos tempos messiânicos.<sup>36</sup>

A grandeza messiânica do sinal se dá ainda mais com a menção do recolhimento dos pedaços de pães restantes no simbólico número de “doze cestos” (δώδεκα κοφίνων: ο κόφινος é um cesto grande para transporte). Como a dizer que todo o povo (as 12 tribos) é agraciado com a vinda de Jesus.

## Conclusão

A primeira multiplicação contrasta aos olhos do leitor a misericórdia de Jesus pelas “ovelhas sem pastor” com a incompreensão dos discípulos. Ao mesmo tempo que o leitor aprende quanto a misericórdia e o ensino qualificam o messianismo de Jesus, ele começa a fazer as contas com a dificuldade dos discípulos em entender e realizar a mesma tarefa. A ordem de Jesus aos discípulos de dar de comer à multidão impõe-se como um mandato a olhar com a mesma misericórdia a multidão abandonada. O leitor aprende que também ele pode colaborar, mesmo se com pouco, e que deve vencer as resistências, que nem sempre são fruto da falta de meios.

A expectativa do que se pode fazer com tão pouco cria tensão no leitor que presta atenção a todos os gestos de Jesus. Inicia por considerar como princípio fundamental a organização da multidão. Organizar-se é o primeiro meio de reverter o quadro de povo abandonado, sem pastor, sem cabeça.

---

pão alimentou 100 homens (proporção 1/100), ou seja, 2000 pessoas (b.Ket. 106a.), cf. FRANCE, 2002, p. 262.

<sup>35</sup> A divisão em grupos múltiplos de 10 facilitava a contagem, em vista da escolha da fórmula justa de bênção. O pequeno grupo, ademais, facilitava o clima de oração, cf. INSTONE-BREWER, D. *Traditions of the Rabbis from the Era of the New Testament*. I. Grand Rapids: Eerdmans, 2004. p. 77-78.81.

<sup>36</sup> Jr 31,14 (LXX 38,14); Sl 22,26; Sl 36,19; Is 65,13. A multiplicação responde às esperanças de uma repetição da experiência do maná, cf. GIBSON, J. B. *The Rebuke of the Disciples in Mk 8:14-21*. In: *Journal for the Study of the New Testament*, 27, 1986, p. 43 (nota 24).



Pela atmosfera celebrante e religiosa com a qual Jesus partilha os pães e os peixes, o leitor aprende que esse gesto não é um ato meramente humano, um desejo de “reino terrestre”, mas que tem sua origem em Deus, que deseja ver na terra, como no céu, o Reino de Deus.

Tudo é coroado com a abundância dos sinais: a multidão é saciada e ainda assim se recolhem 12 cestos cheios. O “reino de Deus está próximo” (1,15), pode exclamar o leitor ao ver nesses números simbólicos uma realização das promessas messiânicas.

Marcos quis exprimir a dimensão universal do messianismo de Jesus em um banquete. Nas duas multiplicações, o alimento oferecido é pão e peixe, alimento dos pobres e abundante na Galileia. Não se menciona o vinho nem a carne, pois eram alimentos de festa e solenidade (como na Páscoa) ou dos ricos (como no banquete de Herodes).<sup>37</sup> Trata-se de um banquete aberto, onde todos podem participar, de todas as cidades, mesmo de longe.<sup>38</sup> Nesse banquete messiânico, a comunidade compartilha o ensino de Cristo, abundante e que sacia a todos. É Jesus quem divide os pães e partilha com todos, das suas mãos são alimentadas as multidões.<sup>39</sup>

Na 1a. Multiplicação dos pães, o leitor é impelido a reunir-se em comunidade organizada, na pobreza de seus sinais, na escassez de seus recursos, para receber do pastor misericordioso uma ordem que o direciona a olhar a necessidade do povo, e mesmo não tendo compreensão de todos os mecanismos para superar o problema, confia que a graça de Deus não lhe faltará, pois do alto vem o dom de ver o próximo em espírito de comunhão, e a partilha como solução.

## Referências

AUS, R. D. *Feeding the Five Thousand. Studies in the Judaic Background of Mark 6:30-44 par. and John 6:1-15. In: Studies in Judaism.* Lanham: University Press of America, 2010.

<sup>37</sup> Pikaza compreende que comer pães e peixes, alimentos comuns, é a condição para participar da ceia Pascal do Cordeiro, feita de pão e vinho. Somente quem é capaz de compartilhar das necessidades humanas, possui condições de participar do memorial de Jesus com o pão e o vinho, cf. PIKAZA, J. I. *Pan, casa, palabra. La Iglesia en Marcos.* Salamanca: Sígueme, 1998. p. 164.

<sup>38</sup> Um banquete aberto, sem distinções, cf. STANDAERT, 2010, p. 518.

<sup>39</sup> “Jésus est le pain dont le monde est affamé, pain destiné à rassasier avec abondance non seulement les Juifs mais aussi les Gentils, mais tout cela ne se réalisera qu’après la Pâque, à travers l’Eglise”, FUSCO, V. *L’économie de la Révélation dans l’Évangile de Marc. In: Nouvelle Revue Théologique*, 104, 1982, p. 541.





BORGEN, P. J. *Bread from Heaven. An Exegetical Study of the Concept of Manna in the Gospel of John and the Writings of Philo*. Leiden: Brill, 1965.

DANIEL-ROPS, H. *La vie quotidienne en Palestine au temps de Jésus*. Paris: Hachette, 1979.

DELORME, J. *El evangelio según san Marcos*. Estella: Verbo Divino, 1985.

ECKEY, W. *Das Markusevangelium. Orientierung am Weg Jesu. Ein Kommentar*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1998.

ERLANGEN, G. F. *Die beiden Erzählungen von der Speisung in Mark 6:31-44, 8:1-9*. In: *Theologische Zeitschrift*, 1/20. p. 10-22, 1964.

FINKELSTEIN, L. *The Birkat ha-mazon*. In: *Jewish Quarterly Review*, p. 211-262, 1929.

FOCANT, C., La fonction narrative des doublets dans la section des pains Mc 6,6b-8,26, in: FOCANT, C. (ed.), *Marc, un Évangile étonnant: Recueil d'essais*. In: *Biblioteca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium*, 194, Leuven: University Press, p. 205-229, 2005.

FOWLER, R. M. *Loaves and Fishes. The Function of the Feeding Stories in the Gospel of Mark*. In: *Society of Biblical Literature. Dissertation Series*, 54. Chicago: Scholars Pr, 1981.

FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark. A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

FUSCO, V. *L'économie de la Révélation dans l'Évangile de Marc*. In: *Nouvelle Revue Théologique*, 104, p. 532-554, 1982.

INSTONE-BREWER, D. *Traditions of the Rabbis from the Era of the New Testament*. I. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

GIBSON, J. B. *The Rebuke of the Disciples in Mk 8:14-21*. In: *Journal for the Study of the New Testament*, 27, p. 31-47, 1986.

JEREMIAS, J. *Gerusalemme al tempo di Gesù. Ricerche di storia economica e sociale per il periodo neotestamentario*. Bologna: EDB, 1989.

JUEL, D. H. *Mark*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1990.

KINGSBURY, J. D. *Conflict in Mark. Jesus, Authorities, Disciples*. Minneapolis: Fortress Press, 1989.



- KLINGHARDT, M. *Boot und Brot. Zur Komposition von Mk 3,7-8,21. In: Berliner Theologische Zeitschrift*, 19, p. 183-202, 2002.
- KÖSTER, H., «σπλάγγων», *Theological Dictionary of the NT*, II, 548-559.
- MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos*. Salamanca: Sígueme, 2010.
- MAUSER, U. W. *Christ in the Wilderness*. London: SCM, 1963.
- MINETTE DE TILLESSE, G. *Le secret messianique dans l'Évangile de Marc*. Paris: Du Cerf, 1968.
- NEUGEBAUER, F. *Die wunderbare Speisung (Mk 6,30-44 Par.) und Jesu Identität. In: Kerygma und Dogma*, 32/4. p. 254-277, 1986.
- PIKAZA, J. I. *Pan, casa, palabra. La Iglesia en Marcos*. Salamanca: Sígueme, 1998.
- REICKE, B. I. *Neutestamentliche Zeitgeschichte*. Berlin: Walter de Gruyter, 1968.
- RHOADS, D. M.; DEWEY, J.; MICHIE, D. *Marcos como relato. Introducción a la narrativa de un Evangelio. In: Biblioteca de Estudios Bíblicos*, 104. Salamanca: Sígueme, 2002.
- SEETHALER, A. *Die Brotvermehrung: Ein Kirchenspiegel? In: Biblische Zeitschrift*, 34, p. 108-112, 1990.
- STANDAERT, B. H. *L'Évangile selon Marc. Commentaire (Deuxième partie Marc 6,14 à 10,52)*. II. Pendé: Gabalda et Cie, 2010.
- STRACK, H. L.; BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch. I. Das Evangelium nach Matthäus, 1922. II. Das Evangelium nach Markus, Lukas und Johannes und die Apostelgeschichte*. München: Beck, 1924.
- VAN CANGH, J.-M. *Le thème des poissons dans les récits évangéliques de la multiplication des pains. In: Revue Biblique*, 78/1. Paris: Peeters Publishers, 1971.
- ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1996.